

**“SUPERMAN: ENTRE A FOICE E O MARTELO”
E A ANÁLISE DO DISCURSO: RELAÇÕES POSSÍVEIS**

Adriano Braga Bressan (UEMS)
adrianobressan@gmail.com

RESUMO

A Análise do Discurso (AD), ciência da linguagem, é capaz de promover diferentes aspectos de problematizações da linguagem na busca de significações de um texto. Com histórias em quadrinhos (HQs), tal recurso não é diferente, pois a riqueza de ícones e sua natureza simbólica permitem ao leitor quantas possibilidades interpretativas forem buscadas, pois onde há sentido, há interpretação. Vale ressaltar que tal gênero textual sofre preconceitos por ser considerado demasiado infantil, e isso também se torna parte desta análise. Para aprofundamento teórico em tal ciência da linguagem (e não só dela), selecionamos a obra *Superman – Entre a Foice e o Martelo* para análise e aprofundamento em sua simbologia que gera sentidos e que é imbricada também de sentidos políticos. Verificamos também como se constrói a narrativa sobre tais recursos como maneira de perceber qual seria o leitor ideal de tal obra, visto que a pluralidade de sentidos pode ser incorporada pelo grande número de diferentes leitores que se apropriam da mensagem disponibilizada ao final da narrativa.

Palavras-chave:

Superman. História em quadrinhos. Análise do discurso.

ABSTRACT

A Discourse Analysis (DA), a language's science, can promote different aspects of language problematization in the search for meanings in a text. With comic books, this feature is no different, as the richness of icons and their symbolic nature allows for various interpretative possibilities, because where there is a meaning, there is an interpretation. It is assured that this kind of text works as a target of prejudice for being considered too childish, and this is also part of this analysis. For theoretical contribution in this science of language, we selected the comic book *Superman – Red Son* to analyze and deepen its symbology that generates meanings and is also imbricated with political meanings. We also verified how the narrative is built on and how such resources can be a way of perceiving which would be the ideal reader of the work, since the plurality of meanings can be incorporated by the large number of different readers who appropriate the message available at the end of the narrative.

Keywords:

Superman. Comic books. Discourse Analysis.

1. Introdução

Já faz algum tempo que as histórias em quadrinhos (HQs) são consideradas leituras infantis e que não preparam o jovem leitor para o

que o mundo dos clássicos pode oferecer. Observar a forma como a sociedade trata as produções da arte sequencial e a forma como muitas vezes os governantes agem frente às produções são comprovações concretas de como a política e os costumes interferem no modo de acesso e leitura aos gibis.

Em algum passado recente, o então prefeito da cidade do Rio de Janeiro solicitou que um volume da “Saga dos Vingadores”, obra muito conhecida pelos jovens através dos cinemas, fosse recolhida da Bienal do Livro por apresentar conteúdos *impróprios para menores* [sic]. O conteúdo que foi considerado impróprio, neste contexto, era a imagem de dois rapazes se beijando, totalmente vestidos. Esse exemplo nos serve, neste momento, para que percebamos o caráter político, em seu total sentido, em que uma obra, seja ela um clássico, um gibi ou um best-seller, está inserida.

A obra “Superman – Entre a foice e o martelo” é sugestiva desde a escolha dos autores pelo seu nome. Em inglês, *Red Son*, traz na capa um herói diferente do usual, que carrega em seu logotipo, ao invés do tradicional S, o desenho de uma foice e um martelo entrecruzados, o que nos remete diretamente ao símbolo do socialismo. A obra parte do pressuposto de que o Homem do Amanhã não tenha caído no Kansas, como é amplamente conhecido, mas sim na Ucrânia, território soviético sob o regime socialista de Stálin. O desenrolar da história mostra as escolhas narrativas dos autores e as formas utilizadas para relacionar o termo *socialismo* com o símbolo da força americana, o Superman.

A Análise do Discurso (AD) integra um grupo de ciências que estudam a linguagem e que leva em consideração conhecimentos exteriores para seu objeto final. História, filosofia, sociologia, entre outras, são áreas do conhecimento que, servindo de base, permitem à AD a precisão da interpretação e do conjunto simbólico, visto que o “trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana” (ORLANDI, 2020, p. 13).

Por fim, o objetivo aqui é analisar o plano simbólico da obra em questão, haja vista que a carga discursiva da *foice e do martelo* compõe espaço suficiente para estudos acerca desta escolha e dos caminhos narrativos. É importante ressaltar:

Em uma proposta em que o político e o simbólico se confrontam, essa nova forma de conhecimento coloca questões para a Linguística, interpellando-a pela historicidade que ela apaga, do mesmo modo que coloca questões para as Ciências Sociais, interrogando a transparência da linguagem

sobre a qual elas se assentam. Dessa maneira, os estudos discursivos visam pensar o sentido dimensionado no tempo e no espaço das práticas do homem, descentrando a noção de sujeito e relativizando a autonomia do objeto. (ORLANDI, 2020, p. 14)

A consequência maior do excerto acima é a história das sociedades como premissa para compreensão da linguagem. A língua não é considerada aqui um objeto transparente, que necessita somente de si mesma, assim como as Ciências Sociais não são um mero instrumento de consulta para organização contextual da obra. É demasiado importante pontuar que língua e sujeito são únicos, pois a língua só faz sentido quando o sujeito é interpelado pela ideologia.

2. A de Superman: um percurso teórico

Para que comecemos a análise da obra em si, é necessário pontuar a premissa de que o conteúdo de um texto não é necessariamente o mais importante em sua compreensão, ou seja, o que o texto significa não é o destaque da leitura. Contrariamente, em se tratando de ideologia, como o texto significa é a melhor pergunta resumitiva para que procedamos com os aspectos teóricos.

Como já mencionado no capítulo anterior, a língua não é um objeto transparente suficiente de si mesma. Sob essa afirmação, adentraremos um caminho de análise sobre o acontecimento, e não necessariamente como estrutura. Analisar a estrutura das HQs talvez seja um caminho mais próprio da estética e da semiótica, além, é claro, da linguística. Não obstante, no que tange ao acontecimento, o plano de fundo e ideais de produção, a análise deve ser realizada de forma discursiva. Para tal, Pêcheaux (2015) faz uma primeira reflexão sobre a análise a partir do enunciado, em que diz:

Um primeiro caminho seria tomar como tema o *enunciado* e trabalhar a partir dele; por exemplo, o enunciado “On a gagné” [“Ganhamos”] tal como ele atravessou a França no dia 10 de maio de 1981, às 20 horas e alguns minutos (o acontecimento, no ponto de encontro de uma atualidade e uma memória). (PÊCHEAUX, 2015, p. 16)

Ao se observar o enunciado “Ganhamos”, citado anteriormente, para que ele tenha sentido, é basilar que haja um contexto. Uma vitória do time de futebol Paris Saint German, por exemplo, permite que esse enunciado seja gerado e que haja muito sentido nele. O interlocutor apegado a temas futebolísticos pode imaginar um campeonato que esse time nunca tenha ganhado, ou mesmo uma árdua vitória sobre um rival. Toda-

via, a data específica (10 de maio de 1981) remonta diretamente o ambiente político na França, e toda uma história de discussões sobre direitos e convencimentos ressurge. Percebamos que o que suscita tal pensamento é o enunciado, do francês, *on a gagné*.

Quando tratamos a linguagem como não-transparente, foi a momentos como esse que nos referimos. Há ainda uma infinidade de possibilidades a serem levadas em consideração. Pode-se analisar a relação sintática entre os termos e chegar a um resultado de quem ganhou, demonstrando ainda mais a heterogeneidade de um enunciado tão simples. O fato do verbo “ganhar” valer-se de inúmeros contextos de significados faz com que o analista se aprofunde em levantar as informações necessárias para a associação final da estrutura para com o acontecimento.

Um segundo ponto a ser apontado e que é de suma importância para essa pesquisa é a ideia acerca do conhecimento do falante acerca daquilo que está falando. Quando analisamos o discurso de um enunciado, por mais simples que pareça, devemos ressaltar o quanto tal falante sabe sobre o que está falando, ou ainda se determinado autor realmente tinha tais objetivos para aquela obra. Sobre objetivos claros ou escusos, propriedades e intenções textuais, Eco (1994) denomina autor e leitor como modelo e empírico, referindo-se ao ato de escrita sem uma mensagem específica a desvelada por um tipo específico de leitor, ou seja, aquele que tem noção do bosque (por bosque compreendemos a obra de ficção e estratégia de leitura) em que está entrando e a forma como deve prosseguir em sua caminhada. Ressalta que

[...] depois de estabelecer a distinção entre leitor-modelo e leitor empírico, cabe-nos ver o autor como uma entidade empírica que escreve a história e decide que leitor-modelo lhe compete construir, por motivos que talvez não possam ser revelados e que só seu psicanalista conheça? Deixem-me dizer-lhes que não tenho o menor interesse pelo autor empírico de um texto narrativo (ou qualquer texto, na verdade). (ECO, 1994, p. 17)

Cabe aqui a ressalva de que Umberto Eco se vale da interpretação e dos limites da interpretação. A diferença entre o analista e o hermeneuta é que “à diferença do hermeneuta, (o analista) não interpreta, ele trabalha os limites da interpretação. (...) ele se coloca em uma posição deslocada que lhe permite contemplar o processo de produção de sentidos em suas condições” (ORLANDI, 2020, p. 59). Apesar de seu caráter adverso, há em comum a ideia de que o autor e o leitor, por muitas vezes, podem adentrar discursos que desconhecem ou que conhecem pouco, permitindo que um leitor, aqui chamado de modelo, identifique tais aspectos e analise-os ausente da obra em si, mas atrelado às condições de produ-

ção.

Proceder pelo caminho supramencionado faz com que adentremos os caminhos do não dito, uma vez que desconhecemos todos os objetivos e as intenções dos autores. O não dizer, com suas menções ao interdiscurso e às ideologias não afirma nada em contrário. Dizer que o Superman tradicional, azul e vermelho, seja um defensor dos ideais do capitalismo americano não significa dizer que ele odeie o socialismo. Em verdade, levemos em conta os ideais do Escoteiro Azul desde sua criação e perceberemos que suas ações e enunciados são muito mais socialistas do que capitalistas, pois, em termos gerais, tenta, pela sua força e velocidade, proteger a todos e garantir segurança sem distinção nenhuma.

Por fim, o materialismo dialético marxista é, para nós, o ponto final para a nossa análise. O desejo de que os movimentos operários – a foice e o martelo, simbolicamente – pensassem um Estado futuro foi um dispositivo para que se pensasse sobre a exploração capitalista e uma luta de classes entre exploradores e explorados. Este apanhado teórico nos apresenta, portanto, os aparelhos de estado e uma “ciência da história posta em prática pelo proletariado (...) esta ciência prática pudesse se constituir – ao mesmo tempo como espaço de conhecimento e como força de intervenção na história” (PÊCHEAUX, 2015, p. 40). Essa força de intervenção surge e se justifica na HQ através da expressão, por exemplo, de que o Superman é o *herói do proletariado*, o que denota, através da escolha lexical, a importância desse grupo de trabalhadores que servem de premissa para a narração.

3. Como “Superman: entre a foice e o martelo” significa?

A partir dos pressupostos teóricos acima descritos, buscaremos analisar os discursos simbólicos na obra mencionada. Inicialmente, há uma grande hipótese, que é o que ocorreria caso o Superman fosse criado sob a tutela de um estadista socialista que o acompanha amorosamente e o ensina os ideais de seu país e de sua forma de governo. O regime stalinista sempre, no senso comum, foi associado contrário e combatente do capitalismo, propondo aquilo que foi citado no capítulo anterior como um governo do proletariado, com base em uma eterna luta de classes.

O símbolo do Superman, conhecido por ser um S, é inicialmente alterado, juntamente de suas cores, para que se altere também o caminho narrativo e suas compreensões. No lugar da logo tradicional, surge uma

foice e um martelo cinza e vermelho, e no lugar do herói que voa sobre a conhecida e fictícia Metrópolis salvando os cidadãos dos (nem sempre) inesperados males, surge um herói com motivações muito diferentes. Afirmamos aqui, inicialmente, que a própria simbologia altera o ego do herói, que busca enaltecer o regime em que está inserido e tem noções ideológicas muito mais aprofundadas do que o escoteiro americano. Esse herói se reconhece como representativo do proletariado e assume a segurança de seu país sobre as dificuldades de produção alimentícia, em um primeiro momento, contra os inimigos americanos, em um segundo momento, e assume a ideia de protetor absoluto em um terceiro momento.

Moscou operava com a mesma precisão de relógio suíço evidente em todas as outras vilas e cidades de nossa União Soviética Global. Não havia adulto sem emprego, todas as crianças gozavam de um *hobby* e a população inteira desfrutava das oito horas completas de sono que seus corpos requeriam. O crime não existia. Acidentes não aconteciam. Nem mesmo chovia enquanto Brainiac não estivesse plenamente convicto de que todos estivessem com um guarda-chuva. (MILLAR, 2017, [s.p.])

Figura 1: Supermane seu uniforme tradicional.



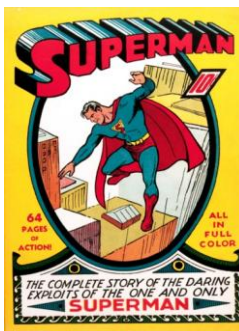
Figura 2: Superman retratado em Entre a foice e o martelo.



Uma análise da Figura 2 mostra um herói bondoso, que mesmo fora de seu país emprega o bem e a salvação, como é amplamente conhecido. É válido também ressaltar a semelhança da posição em que ele se encontra, pois há uma clara menção à capa de Superman #1, que serve de

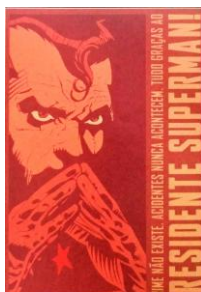
total plano de fundo para a compreensão não de um ditador, mas sim do personagem que sempre representou e que habita a mente dos mais diversos leitores.

Figura 3: Capa de Superman #1.



Ao leitor que buscar nessa leitura uma obra de aventura, em que o herói entre em combate com algum inimigo e vença, apesar de dificuldades e empecilhos, encontrará aqui um grande arco, mas cabe a análise de que os símbolos escolhidos pelo autor não são mera coincidência. O não dito, como mencionado anteriormente, é o principal da obra, pois a mudança de comportamento e todo o aparato político apresentado no decorrer da narrativa fogem ao que meramente é apresentado de maneira comum nas histórias do *super*.

Figura 4: Presidente Superman no arco Entre a foice e o martelo.



O discurso socialismo vs capitalismo é automaticamente rememorado pelo leitor médio, assim como a expressão imperialista do americanismo que cresce ao longo da narrativa. Cabe a nós, porém, como analis-

tas, interferir na forma como a linguagem somente, seja verbal e não verbal, é suficiente para que se esvaíam as possibilidades da obra. Marxismo, a interdiscursividade entre o escudo do Superman socialista com a simbologia da foice e do martelo, conhecimentos históricos e das personalidades do processo socialista na URSS são informações não mencionadas que comprovam o quanto a linguagem não é transparente e que necessita ser trabalhada de um ponto distante da escrita por si só.

A obra é extensa, e caberiam aqui informações diversas que poderiam adentrar o campo linguístico da semiótica para que pudéssemos nos ausentar da HQ em si para buscarmos o discurso exato dos momentos. A obra como um todo não apresenta um ponto de vista que apoia exatamente algum lado, ou seja, se esquivava em assumir um ponto de vista. Acreditamos que para a AD tal estratégia não seja exatamente algo a ser destacado, já que há a ideia de que a linguagem é política e que o ser humano, ao se comunicar, faz também política. Talvez essa seja uma dificuldade ao analisar objetos de estudo pertencentes ao *mass media*, pois deveras os autores optem em não assumir determinadas posições ou afirmações por haver interferência em suas vendas e publicações. De qualquer modo, a afirmação de Pêcheux e sua análise do enunciado *on a gagné*, apresentados no início dessa pesquisa, permitem-nos dizer: os caminhos são muitos, mas ganhamos todos ao imbricar tamanho aparato teórico-metodológico.

4. Considerações finais

A partir dos pressupostos teóricos, foi possível observar a grandeza de uma obra em si por variados aspectos extratextuais. A análise semiótica, a narratologia e a história, no caso específico desta pesquisa, permitiram que o analista se afastasse do texto em si e passasse a observar os símbolos que foram utilizados e a forma como não o contexto de produção dessa obra em si, mas sim a seleção dos arquétipos e situações históricas auxiliaram na construção do caráter tipicamente socialista do herói mais representativo da nação americana.

Ademais, faz-se necessária ainda um estudo acerca da AD nos mais diversos *mass media*, pois seu contexto de produção, quando retrato do *mainstream*, é de difícil acesso e apresentam dificuldades de análise, pois a apropriação dos símbolos e da história fica nítida em alguns momentos. Por fim, por tentativa e erro ou tentativa e acerto, acredita-se que mais produtos culturais devam ser validados e legitimados através de in-

terdiscursos e o auxílio das mais diversas ciências para que se possa introduzir ainda mais vieses em tão amplo campo de pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ECO, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

_____. *O Super-homem de massa*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

_____. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MILLAR, Mark. *Superman: Entre a foice e o martelo*. Roteiro por Mark Millar; arte por Dave Johnson; tradução por Jotapê Martins. Barueri-SP: Panini Brasil, 2017.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas-SP: Pontes, 2020.

PÊCHEAUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. de Eni Orlandi. Campinas-SP: Pontes, 2015.

_____. *Análise de discurso*. Trad. de Eni Orlandi. Campinas-SP: Pontes, 2015.